

SOCIEDADE MEDIÁTICA: Ur-fascismo, rebaixamento cognitivo e guerrilha simbólica¹

MEDIA SOCIETY: Ur-fascism, cognitive demotion and symbolic guerrilla warfare

José Luiz Balestrini Junior ²

Resumo

A partir da irrupção recente de manifestações fascistas no cenário político mundial e, mais especificamente no Brasil, o presente artigo tem como objetivo principal traçar paralelos com as quatro primeiras características do Ur-fascismo, como descrito por Umberto Eco, e postagens e discursos de políticos que revelam essas tendências. Nosso estudo revela como o núcleo fundamental de ação dos emissores dessas mensagens tem como objetivo causar o rebaixamento cognitivo e da capacidade crítica e reflexiva da população com o intuito de massificação, facilitando assim o controle da opinião e do comportamento das pessoas. Uma saída para esse estado das coisas é o que designamos, a partir de uma ampliação das ideias de Eco sobre a guerrilha semiológica, de guerrilha simbólica.

Palavras-Chave: Fascismo; Arquétipo; Rebaixamento Cognitivo; Guerrilha Semiológica; Sociedade Mediática.

Abstract

Given the recent outbreak of fascist manifestations on the global political scene, and more specifically in Brazil, this article aims to draw parallels with the first four characteristics of Ur-fascism, as described by Umberto Eco, and posts and speeches by politicians that reveal these tendencies. Our study reveals how the fundamental core of action of the emitters of these messages aims to cause a downgrade of the cognitive and critical and reflective capacities of the population with the aim of massification, thus facilitating the control of people's opinions and behavior. One way out of this situation is what we call, based on an expansion of Eco's ideas on semiological guerrilla warfare, symbolic guerrilla warfare.

Keywords: Fascism; Archetype; Cognitive Demotion; Semiological Guerrilla; Media Society.

INTRODUÇÃO

Sempre que o fascismo é discutido encontramos um problema sério com relação

¹ Trabalho apresentado no GT2 – Estratégias de comunicação em ambientes digitais do IV Encontro Virtual da ABCiber – Associação Brasileira de Pesquisadores em Ciberultura. Perspectivas Interdisciplinares e Reconfigurações na Ciberultura: Dados, Algoritmos e Inteligência Artificial. Realização da UNIFAE, nos dias 20 e 21 de junho de 2024.

² Doutorando do PPG em Comunicação da UNIP e Bolsista CAPES; balestrini@lungfu.com.br

à sua definição conceitual e histórica, não somente do ponto de vista político, mas também em torno de suas bases filosóficas (Bataille; Lovitt, 1979). São muitos os autores que falam sobre o assunto a partir dos estudos das ciências políticas, mas, podemos encontrar também uma grande variedade de reflexões advindas de muitas outras áreas de estudos dos fenômenos humanos como a sociologia, a psicologia e a comunicação. Isso é somado a um problema específico que surgiu historicamente, mas que ganha maiores proporções na contemporaneidade: o termo “fascismo” tem sido utilizado de maneira popular como referência para qualquer tipo de comportamento totalitário e até mesmo como um xingamento em muitos casos diferentes (Cortez; Dos Santos; Biar, 2020; Strick, 2021). Portanto, na era da sociedade mediática, da desinformação e das *Fake News* (Paolucci, 2023), a utilização da expressão para definir os mais variados comportamentos considerados negativos, mesmo que eles não estejam categoricamente conectados com a ideologia fascista, tornou-se uma constante que é atualizada pelo próprio uso popular do termo. O fenômeno lembra aquilo que foi descrito na década de 1950 pelo filósofo político Léo Strauss como o conceito da *reductio ad Hitlerum*, que pode ser compreendido como uma redução da argumentação ao hitlerismo (Teninbaum, 2009). Essa é uma lógica falaciosa que procura desqualificar e produzir efeitos mais agressivos do que racionais nas respostas, desviando o foco da discussão. O problema é que essa ação atrapalha também aqueles que procuram lutar contra o estabelecimento de comportamentos e sistemas fascistas, já que a redução do fenômeno e do conceito também o banalizam, fazendo com que o próprio termo, nesse caso “fascismo”, perca seu significado. Ele se torna, de acordo com a teoria de Ernesto Laclau, um significante vazio (Laclau, 1996; Zicman De Barros, 2023) e por isso acaba sendo utilizado de maneiras descontextualizadas, porém, muitas vezes, com intenções ideológicas muito bem estabelecidas. Isso ocorre exatamente pela reação emocional que pode causar, como afirma Christoffer Kølvråa: “O ponto central é que, à medida que o significante vazio perde o significado concreto, ele não se torna simplesmente sem sentido; em vez disso, torna-se um ponto focal para o investimento afetivo³” (Kølvråa, 2019, p. 275. Tradução Nossa).

Existe ainda uma miríade de termos que trazem o fascismo como núcleo e base de

³ No original: “The core point is that, as the empty signifier loses concrete meaning, it does not simply become meaningless; rather, it becomes a focal point for affective investment.”

suas definições, como por exemplo nazifascismo, pós-fascismo, neofascismo, antifascismo e afascismo (Filippi, 2020). Embora não se faça necessário para o presente texto o aprofundamento nas definições de cada um deles, sua mera existência é um argumento para a atemporalidade da existência do fascismo, assim como sua ubiquidade, fatos que revelam esse movimento como algo que subjaz a consciência humana, mesmo que, como sistema político, só tenha ganhado esse nome no início do século XX.

Sendo o fascismo definido, entre outras coisas, como um movimento que resgatava valores tradicionais da cultura italiana (Mussolini, 1936), sua construção se deu a partir de ideias e comportamentos que existiam antes de sua nomeação como forma de sistema de governo, ou seja, fundamentado em valores historicamente enraizados no inconsciente da sociedade, ou, para utilizarmos um termo ainda mais assertivo do ponto de vista dos estudos psico-comunicacionais, no inconsciente coletivo (Jung, C. G., 2018). Os mesmos valores podem ser encontrados em outras culturas, mesmo que nomeados de outras maneiras, afinal, tivemos até mesmo no Brasil na década de 1930, o nosso próprio exemplo com o Integralismo Brasileiro. Essa era a versão canarinho do fascismo, cujo fundador e líder Plínio Salgado buscava, inspirado por Benito Mussolini, seguir os passos da Itália fascista:

Ao propor uma nova política, buscava romper as tradições com a velha política com um discurso autoritário, antiliberal, antidemocrático, anticomunista, baseado em uma estrutura nacionalista e na concepção cristã radical e conservadora (Gonçalves; Neto, 2020, p. 8).

Para a nossa análise, trazendo o fenômeno para o campo dos estudos da comunicação, enfrentamos, na contemporaneidade, o que pode ser considerada, como citamos anteriormente, a era da desinformação e das *Fake News* (Paolucci, 2023) e podemos observar sua conexão com o ressurgimento de discursos fascistas na política brasileira (Contrera; Torres; Balestrini Jr, 2021) e mundial (Kølvraa; Forchtner, 2019). Sabemos que a utilização de estratégias de desinformação (Serva, 2019) e de manipulação de imagens (Serva, 2017) não é algo novo quando se trata de estratégias de controle das massas (Pereira, 2003; Reich, 1988), mas o fenômeno ganhou proporções diferentes quando falamos da utilização da internet e das redes sociais na atualidade (Braga, 2018; Han, 2017).

Na década de 1990, Umberto Eco (2018) conceituou o que ele chamou de Ur-fascismo, ou o fascismo eterno. Em sua descrição, o autor determinou quatorze

características arquetípicas que, mesmo isoladas, quando manifestadas, tem o poder de constelar à sua volta uma aura fascista. Assim, o surgimento de somente uma delas é suficiente para servir como força atratora para que outras sigam se manifestando. Isso acontece exatamente pela potencialidade de reações emocionais que tais comportamentos carregam, incitando assim aqueles que estão em volta a também se comportar da mesma maneira, o que é uma das características fundamentais dos movimentos de massa (Jung, 1988; Reich, 1988). Podemos observar, como comprovação das ideias de Eco, como o fascismo retornou, nos últimos anos ao cenário político brasileiro, liderado, principalmente, pela figura de Jair Bolsonaro e seus apoiadores que, de maneira dissimulada ou muitas vezes aberta, fizeram declarações e postagens que podemos considerar como fascistas (Balestrini Jr; Contrera, 2021; Canepa; Bucci, 2022; Melo, 2019).

A partir dessas ideias e observações, o presente artigo procura analisar correspondências entre algumas manifestações políticas contemporâneas e as quatro primeiras características do Ur-fascismo propostas por Umberto Eco (Eco, 2018). Apesar de Eco sugerir quatorze características, fez-se necessário que escolhêssemos trabalhar com um número reduzido delas para a publicação desse trabalho devido à limitação de espaço. Outro dado importante do presente artigo é o fato de ampliarmos e atualizarmos as definições de Eco enquanto apresentamos os exemplos analisados. Compreendemos a importância do que foi estabelecido pelo autor, mas também entendemos que para uma visão atual do fenômeno, é preciso que atualizemos algumas características que podem estar disfarçadas de diferentes roupagens, apesar de trazerem em seu núcleo valores similares, talvez até idênticos, àqueles apontados por Eco em seu ensaio original.

Esperamos que assim, possamos, minimamente, apresentar exemplos de como o Ur-fascismo continua se manifestando de diferentes maneiras na atualidade, como foi previsto pelo próprio Umberto Eco quando o autor afirmou: “O Ur-Fascismo pode voltar sob as vestes mais inocentes. Nosso dever é desmascará-lo e apontar o dedo para cada uma de suas novas formas—a cada dia, em cada lugar do mundo” (Eco, 2018, p. 55).

Como é afirmado pela psicologia de profundidade, se referindo ao comportamento individual ou coletivo, só podemos transformar aquilo que conhecemos, só é possível trabalhar para o aperfeiçoamento de algo sobre o qual temos ciência (Jung, C., 2018). Por isso, é primordial que, para que não repitamos movimentos fascistas, compreendamos com profundidade os mecanismos psico-comunicacionais por trás do fenômeno. Para

trazer alguma luz para essa discussão, o presente artigo apresenta então análises qualitativas de algumas declarações de políticos de direita feitas em discursos ou divulgadas em diferentes medias e redes sociais que alcançaram a população brasileira nos últimos anos.

UR-FASCISMO

Umberto Eco (2018) nos mostra que a dificuldade para encontrarmos uma definição para o fascismo vem do fato do sistema, na verdade, se basear na busca do estabelecimento e manutenção do poder a partir de qualquer agenda que seja necessária para tal. Pelo fato do fascismo, em sua raiz, não possuir um código fundamental de valores e uma direção definida é que ele se torna tão fluido e adaptativo, podendo surgir sempre e de novo em novas formas e expressões (Pasolini, 2018; Strick, 2021). Nas palavras de Eco: “O fascismo não era uma ideologia monolítica, mas antes uma colagem de diversas ideias políticas e filosóficas, um alveário de contradições” (Eco, 2018, p. 32). O próprio autor ainda afirma que o nazismo era uma espécie de primo distante do fascismo e, uma das suas diferenças fundamentais é a de que no regime nazista muitos valores eram estabelecidos como fundamentais e incorruptíveis, enquanto no fascismo, ao contrário, muitas mudanças podiam ser observadas de acordo com os interesses dos seus líderes.

Apesar de toda essa dificuldade, Eco (2018) apresenta quatorze características que ele considera fundamentais e nucleares do fascismo eterno, são elas: 1) culto da tradição; 2) recusa da modernidade; 3) ação pela ação; 4) desacordo é traição; 5) racismo; 6) apelo à classe média frustrada; 7) obsessão pela conspiração; 8) inimigos são fortes e fracos demais ao mesmo tempo; 9) a vida é guerra permanente; 10) desprezo pelos fracos; 11) cada um deve ser herói; 12) machismo; 13) populismo qualitativo; 14) empobrecimento linguístico. Como dissemos antes, para o presente artigo nos preocuparemos somente com a definição, ampliação e exemplificação das quatro primeiras da lista.

Um fato importantíssimo para a nossa visão do fenômeno é a utilização ideológica das narrativas a partir de um objetivo de manipulação das massas através das emoções que caracteriza movimentos fascistas, a qual só pode ser alcançada com a utilização de meios comunicacionais. Na palavra de Eco: “Mas era (o fascismo) um “desconjuntamento ordenado”, uma confusão estruturada. O fascismo não tinha bases filosóficas, mas do ponto de vista emocional era firmemente articulado a alguns arquétipos” (Eco, 2018, p.

38). O fascismo italiano foi possível não somente por fatores econômicos e sociais, como muitas pessoas e análises tendem a afirmar e acreditar. De maneira alguma negamos a importância desses fatores, porém, quando olhamos com mais profundidade, percebemos a incoerência dessa união de pessoas de diferentes classes sociais e econômicas que se deu muito mais em torno de um núcleo místico de salvação do que a partir de fatos da realidade (Reich, 1988). Por causa da força mística, afetiva e emocional que movimentos de massa carregam é que eles continuam a se perpetuar ao longo do tempo, mesmo que seus líderes já não existam mais como seres viventes (Jung, 1988). A figura do líder, mesmo depois de morto, continua inspirando movimentos que ressurgirão erguendo as bandeiras e valores determinados historicamente, mesmo que aquelas figuras de comando não apareçam mais de maneira categórica ou que seus nomes não sejam mais citados com tanta frequência. Isso ocorreu, por exemplo, na Itália, onde mesmo sem a figura de Benito Mussolini ou alguém como ele e, mesmo na ausência de um sistema de governo fascista, o movimento continua vivo até hoje (Filippi, 2020).

Vamos olhar agora com mais profundidade para as quatro primeiras características listadas por Umberto Eco mantendo como pano de fundo a ideia geral de que, por trás delas, encontramos como objetivo principal a busca de uma irrupção emocional que leva as pessoas a identificar-se com esses valores de maneira incondicional a partir de um rebaixamento cognitivo que termina na transformação do indivíduo em massa (Contrera, 2021).

CULTO DA TRADIÇÃO

Com relação a essa característica, Eco diz: “Todas as mensagens originais contêm um germe de sabedoria, e quando parecem dizer coisas diferentes ou incompatíveis, é apenas porque todas aludem, alegoricamente a alguma verdade primitiva” (Eco, 2018, p. 44). Portanto, fica negado qualquer avanço do saber, toda e qualquer verdade já foi anunciada anteriormente por valores e ideias tradicionais. O tradicionalismo, portanto, é fundamental em qualquer movimento que seja considerado como fascista. Isso é reforçado por uma espécie de sincretismo caótico, situação em que qualquer novo fato é interpretado a partir de ideias tradicionais. Esse sincretismo é importante para o movimento pois perpetua a confusão de ideias que facilita a identificação de quaisquer partes da população com o movimento fascista. Entram em cena também o misticismo e a revelação divina (Reich, 1988) que servem para validar as declarações tradicionalistas

do líder, indicando que, na maioria das vezes por motivos religiosos, suas falas devem ser respeitadas como se fossem verdades absolutas. Temos como exemplo um discurso proferido pelo então presidente do Brasil Jair Bolsonaro em um evento religioso que aconteceu em 2022 durante a campanha em que ele buscava sua reeleição:

Hoje, vivemos um Brasil polarizado. Vou dizer a vocês que o nosso governo é contra o aborto. O nosso governo defende a família e nós somos contra a ideologia de gênero. A inocência das crianças em sala de aula tem que ser preservada. Nós somos contra a liberação das drogas. (...) Nós defendemos a liberdade em nossa pátria e aí incluímos a liberdade de culto. Somos livres para escolher nossa religião, professar nossa fé. Nós respeitamos todos os cidadãos brasileiros (Hessel, 2022, n.p.).

Podemos perceber pelo conteúdo de seu discurso a intenção de divulgar valores, ideias e ideais que devem, segundo a sua própria visão de mundo, serem automaticamente considerados corretos pela população por seu teor tradicionalista com relação a um modelo de família também conhecido previamente pelos receptores da mensagem. O presidente e candidato reduz imensamente a discussão sobre o aborto, ideologia de gênero e uso de drogas misturando todos esses assuntos numa fala superficial e sem aprofundamento, característica essencial do discurso populista que procura simplesmente incitar e exaltar emoções para a manipulação das massas (De Camargo Penteado; Goya; Dos Santos; Jardim, 2022; Wainberg, 2020). Apesar de afirmar a liberdade de culto, prega valores tradicionais diretamente conectados com determinações religiosas.

Encontramos um outro exemplo no fato de que, mesmo sendo acusado de vários crimes diferentes contra as comunidades indígenas brasileiras (Barretto Filho, 2020), Jair Bolsonaro fez aparições vestindo adereços pertencentes à cultura dos povos originários em algumas ocasiões. Talvez um dos maiores absurdos nesse âmbito está no fato de que ele chegou a receber, durante a sua gestão do governo federal, a Medalha do Mérito Indigenista. Em seu discurso durante a ocasião falou sobre como era preciso igualar os povos indígenas ao resto da população brasileira, considerada automaticamente cristã, obviamente, segundo apenas a sua própria visão (Said, 2022).

Podemos dizer que se trata de uma fala incoerente, ambígua e contraditória que pode ser considerada por muitos indígenas como impositivamente catequizante e invasiva. Afinal, para a maioria evangelista que apoia o bolsonarismo, os indígenas devem ser convertidos religiosamente ao cristianismo evangélico (Palmeira; Casarões, 2023). Porém, enquanto se esconde por trás de discursos políticos populistas e

desinformativos, pesquisas mostram como as ações práticas de seu governo caminharam na direção contrária a qualquer tipo de integração dos povos originários brasileiros (Barretto Filho, 2020).

RECUSA DA MODERNIDADE

O culto da tradição depende e está diretamente conectado com a recusa da modernidade. Porém, no caso do fascismo, o tradicionalismo fica disfarçado da busca por avanços tecnológicos ao mesmo tempo que o movimento recusa o modo de vida contemporâneo que é considerado depravado. Em sua descrição dessa característica do fascismo eterno, Umberto Eco utiliza uma expressão fundamental para a nossa ideia principal de que o rebaixamento cognitivo e da capacidade reflexiva é imprescindível para o surgimento e manutenção do fascismo, o autor fala do “irracionalismo” do movimento fascista (Eco, 2018). Fica claro então que qualquer tipo de produção e avanços tecnológicos só podem ser aceitos pelo sistema se tiverem em acordo com o tradicionalismo fascista, isso, quando ocorrem.

Durante a campanha de 2022 já citada acima, Jair Bolsonaro visitou o Instituto Nacional de Pesquisa Espaciais (INPE) na cidade São José dos Campos com a promessa de que o presidente e candidato daria uma palestra com o título “Inovação, Tecnologia e Empreendedorismo no Brasil” na ocasião. A palestra foi anunciada oficialmente no site do Parque de Inovação Tecnológica (PIT) de São José dos Campos⁴. Durante a palestra, que, segundo alguns participantes da imprensa não passou de um discurso que durou apenas alguns minutos e que buscava apenas reforçar sua campanha para a reeleição, apontando supostos resultados positivos da sua gestão, Bolsonaro chegou a dizer: “o país que não investe em ciência e tecnologia está condenado a ser escravizado por outro país” (Prizibiszki, 2022, n.p.).

Mesmo que sua fala tente apontar para uma visão positiva sobre o investimento no desenvolvimento tecnológico do país, ela está baseada, mais uma vez, na reação emocional dos ouvintes e possíveis eleitores quando o candidato utiliza a ideia de escravidão para justificar investimentos nessa área. Ao mesmo tempo em que, segundo

⁴ Até a data de envio desse artigo, a página de anúncio da palestra ainda estava no ar e podia ser conferida no endereço <https://pitsjc.org.br/evento/25879/>. Acesso em 10 de julho de 2024.

sua fala, o país que detenha tecnologias não será escravo de outras nações, esse mesmo desenvolvimento parece permitir que o país que possua tais tecnologias ganhe a possibilidade de tornar-se escravista. Revela-se aqui também o nacionalismo, a soberania sobre outros países, também característica de movimentos que carregam a ideologia fascista.

A questão se torna ainda mais complicada quando os dados divulgados sobre o investimento em tecnologia durante seu governo revelam que o caminho tomado era, na verdade, contrário ao desenvolvimento tecnológico: “Segundo estudo realizado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) no final de 2021, os investimentos federais em Ciência e Tecnologia, que já vinham caindo desde 2015, chegaram ao seu menor valor em mais de uma década durante o Governo Bolsonaro” (Prizibiszki, 2022, n.p.).

Talvez um dos fatos mais curiosos e alarmantes da história de Bolsonaro no governo do país tenha sido sua atitude negacionista perante os acontecimentos e dados divulgados por órgão científicos durante a pandemia do COVID-19, claramente utilizando desinformação ou supostos resultados comprovados para tentar convencer a população de que suas atitudes eram, na verdade, apoiadas por afirmações científicas. Paes e colegas afirmam sobre o caso:

Em março (2020), o presidente utilizou seu perfil diversas vezes para fazer comentários sobre medicamentos contra a COVID-19 sem comprovação científica. À época não havia estudos conclusivos que verificassem a eficácia do tratamento contra a doença. Entretanto, o princípio de bioequivalência, ou seja, a noção de que um medicamento já existente poderia ser eficaz no tratamento de diversas doenças, ganhou popularidade nos primeiros meses de pandemia. Em particular, ensaios e declarações feitos pelo médico francês Didier Raoult se popularizam no debate público. O médico se posicionou contra o isolamento social e apresentou resultados supostamente promissores para o uso da cloroquina tanto na prevenção quanto ao evitar piora em pacientes recém infectados. Entretanto, seus estudos mostraram ausência de evidências robustas e sofreu críticas da comunidade científica por apresentar diversos vieses já ao longo de 2020 (Paes; Brasil; Massarani, 2022, p. 252)

Dessa forma, podemos observar como qualquer tentativa de utilização da ciência que esteja de acordo com valores, pensamentos e movimentos fascistas devem estar alinhados com o que é mais fundamental para o objetivo de seus líderes, a negação da reflexão crítica da população, o que permite o estabelecimento de um sistema hegemônico de poder.

AÇÃO PELA AÇÃO

Encontramos mais uma tentativa de rebaixamento e negação da capacidade crítica e reflexiva na população na terceira característica do Ur-Fascismo segundo as definições de Umberto Eco. Para o movimento fascista, a ação é bela em si e deve ser realizada sem nenhuma reflexão. Por isso, devem ser claros e diretos os ataques a qualquer tipo de desenvolvimento intelectual e cultural que seja crítico ou mesmo apenas diferente da hegemonia dos valores tradicionais disseminados pelo movimento. Aqueles que lutam pela diversidade são considerados automaticamente inimigos e normalmente identificados como comunistas e depravados. As universidades públicas, conhecidas pelo seu espaço de criação de liberdade de pensamento, são consideradas “ninhos de comunistas” (Eco, 2018, p. 48).

Luciano Hang, um dos apoiadores declarado de Jair Bolsonaro, declarou em 2019 durante a inauguração de uma das lojas de sua rede: “As universidades públicas formam zumbis. Eu, Luciano, não colocaria meu filho em uma universidade pública por que você educa seu filho e ele volta um comunista, não quer trabalhar e quer atrapalhar quem faz” (Estado, 2019, n.p.). Com esse tipo de discurso, as lideranças políticas e sociais que carregam em seu núcleo valores fascistas, procuram dissuadir o público geral de estudar, utilizando o termo “comunista” como algo que identifica o indivíduo automaticamente com o que eles consideram como sendo o “mal”. Esse comportamento também carrega em seu núcleo as ideias capitalistas predatórias que tomaram conta do mundo através da popularização de que qualquer tipo de salvação anímica precisa acontecer a partir do trabalho (Kamper, 1998). É impressionante que Umberto Eco tenha descrito esse aspecto do fenômeno utilizando praticamente as mesmas expressões que Luciano Hang usa em seu discurso.

Mais um exemplo da ação pela ação é encontrado no fato de Jair Bolsonaro incitar movimentos violentos, irracionais e impensados por parte de seus apoiadores. Em janeiro de 2023, o site de notícias G1, dizia: “Bolsonaro inflamou atos golpistas com uso de violência em diversas ocasiões durante o mandato. (...) No período, Bolsonaro xingou ministros da Suprema Corte quando decisões judiciais tomadas não lhe convinham; questionou a lisura do processo eleitoral, pregando contra as urnas eletrônicas; e participou de atos que pediam intervenção militar e o fechamento do Congresso e do STF” (Calgato, 2023, n.p.).

Essas atitudes, além de não serem coerentes com o que deveria ser o

comportamento de um chefe de estado democrático, procuram minar a confiança da massa no sistema político, facilitando assim que ideias fascistas sejam implantadas na mente da grande massa. Isso é parte do processo de estruturação e arquitetura populistas direitistas que podem levar à instauração de regimes totalitários (Pinheiro, 2022).

DESACORDO É TRAIÇÃO

O desacordo crítico é ferramenta para a construção de conhecimento e transformações, isso não pode ocorrer dentro de uma cultura fascista onde impera o sincretismo caótico a que nos referimos anteriormente (Eco, 2018). A distinção leva à reflexão crítica, e isso, obviamente, não é desejado por um sistema que busque o poder absoluto.

Não é à toa que durante o governo de Jair Bolsonaro a imprensa sofreu ataques e tentativas de censuras constantes; muitas vezes de maneira direta, mas também a partir da saturação dos canais de divulgação de informação que foram – e continuam sendo – inundadas com desinformação (Balestrini Jr; Contrera, 2021).

Em abril de 2024, o deputado federal bolsonarista Bibó Nunes publicou na rede social X (na época ainda chamada Twitter) a seguinte mensagem: “O Papa é o representante de Jesus, mas os comunistas que ele apoia não acreditam em Jesus e muito menos em Deus. Qual o objetivo do papa ao dizer que o ‘descondenado’ Lula foi preso injustamente? Dificil seguir esse Papa” – (assinado) Bibó Nunes, deputado federal (Antagonista, 2024, n.p.). Mais uma vez encontramos a retórica reducionista da mentalidade fascista. A mensagem é superficial e trata o tema sugerindo que o próprio Papa está em desacordo com os valores religiosos da igreja à qual faz parte. A ambiguidade da declaração mantém o receptor da mensagem perdido numa lógica falha que impede, mais uma vez, a reflexão crítica. Segundo o deputado o Papa é representante de Jesus, mas apoiando aqueles que ele considera comunistas, não pode ser de confiança e nem modelo a ser seguido por aqueles que possuem a crença religiosa católica. Ou ainda, para todos os efeitos, para o deputado Nunes o Papa Francisco, mesmo sendo uma figura carismática que parece trabalhar pela integração de novos valores que favoreçam a diversidade e a alteridade, não pode ser considerado digno de confiança de ninguém que possua crenças religiosas, mesmo que estas sejam diferentes do catolicismo.

DESINFORMAÇÃO, REBAIXAMENTO COGNITIVO E GUERRILHA SIMBÓLICA

Poderíamos listar ainda mais exemplos de publicações em redes sociais e de declarações públicas de Jair Bolsonaro e seus apoiadores como exemplos de uma estratégia política que tem como uma de suas principais armas a desinformação (Amarante, 2021; De Camargo Penteado; Goya; Dos Santos; Jardim, 2022; Pereira, 2021). As chamadas *Fake News* são uma das principais maneiras de criar e dissimular conteúdos falsos (Jardelino; Cavalcanti; Toniolo, 2020; Lazer; Baum; Benkler; Berinsky *et al.*, 2018) e são utilizadas em larga escala para a manipulação das massas (Da Silva Gomes; Dourado, 2019; Serva, 2019). Um dos aspectos mais importantes para que isso ocorra é a divulgação massiva e rápida de informação superficial que apela diretamente para a reação emocional da população receptora (Han, 2017; 2022; Lazer; Baum; Benkler; Berinsky *et al.*, 2018).

Esse movimento cria um verdadeiro caos informacional e, no meio desse vórtex aprisionante de ambiguidades e confusão, o indivíduo acaba impossibilitado de fazer uso de sua capacidade crítica reflexiva. Cai, por assim dizer, numa situação de rebaixamento cognitivo (Contrera, 2021), necessário para a manutenção do poder de manipulação das massas (Morin, 2007). Uma parte do problema que enfrentamos é que o mero uso do mesmo mecanismo utilizado pela cultura hegemônica não transforma a dinâmica de funcionamento do sistema (Eco, 1986).

Uma das saídas está exatamente na necessidade do desenvolvimento de pensamento crítico reflexivo para lidar com a enorme quantidade de informações que bombardeia as pessoas em seu dia a dia (Balestrini Jr, 2023; Han, 2022). Para Umberto Eco é preciso trabalhar diretamente com o receptor da informação, investindo em ações que mudem a maneira como ele lida com o conteúdo publicado (Eco, 1986). Ou seja, falamos aqui não somente de uma educação através da mídia, mas também de uma educação de como nos relacionamos com as mais diferentes formas de mídia e com os conteúdos divulgados. Todos esses aspectos são necessários para o desenvolvimento do pensamento crítico nessa relação (Missomelius, 2015).

É de acordo com essas ideias que Umberto Eco propõe o que ele chama de guerrilha semiológica (Eco, 1986), a qual ele não define exatamente como deverá ser lutada, porque isso depende muito do momento histórico e grau de desenvolvimento tecnológico atingido. Porém, o mais importante para o autor é que, de forma geral, as

batalhas sejam travadas diretamente antes que a informação enviada através da mensagem e a recepção da mesma aconteça, ou seja, de maneira antecipatória e na relação humana próxima – diretamente entre humanos, sem intermediários. Entendemos que a utilização da própria mídia como arma nessa guerra não deve ser descartada, porém, se não ampliarmos a esfera de ação para o encontro direto com o receptor, continuaremos andando em círculos e repetindo padrões de comportamentos que podemos observar na história. Nos parece, inclusive, que a atual divisão política maniqueísta entre movimentos de esquerda e direita seja um dos sintomas dessa repetição.

Com o intuito de atualizar as ideias de Umberto Eco, propomos uma ampliação do conceito para o que chamamos de Guerrilha Simbólica. Acreditamos que assim seja possível incluir o desenvolvimento da capacidade imaginal e metafórica dos indivíduos e, conseqüentemente, da coletividade. A capacidade de pensar paradoxalmente reflete diretamente no poder de relativização das experiências vividas e diminui a reatividade das ações (Jung, 1988). Isso permite que a luta contra injustiças, sejam elas políticas, sociais, econômicas ou culturais, seja mais baseada em reflexões coerentes de como agir nas situações específicas. A reflexão e o pensamento simbólico leva ao surgimento de comportamentos mais adequados para a integração entre os lados discordantes, mesmo que as opiniões opostas sejam mantidas no processo (Jung, 2011).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por mais que existam confusões entre aquilo que realmente pode ser considerado como manifestações fascistas e reduções e banalizações do termo quando este é utilizado de maneira leviana em discussões por falta de argumento, não podemos negar que o ressurgimento de ideias e valores fascistas têm sido cada vez mais frequentes na contemporaneidade (Kølvraa; Forchtner, 2019). No presente artigo, procuramos mostrar, a partir da análise qualitativa de alguns exemplos de discursos políticos e postagens em redes sociais de apoiadores de movimentos de direita no Brasil nos últimos anos, como o Ur-fascismo, como definido por Umberto Eco (2018), tende a retornar sempre pelo fato de carregar características arquetípicas. Nesse sentido, de acordo com a nossa definição da dimensão arquetípica dos fenômenos psico-comunicacionais, essas manifestações podem ultrapassar as barreiras temporais e se manifestar de maneira repetida de diferentes formas, algumas vezes mostrando claramente suas tendências totalitárias, noutras sendo disfarçadas e dissimuladas através de discursos populistas (Balestrini Jr; Contrera, 2021).

Nosso foco no presente artigo foi mostrar como as quatro primeiras características do Ur-fascismo podem ser observadas nas declarações analisadas, assim como propor algumas ampliações e atualizações das definições propostas por Umberto Eco em seu ensaio original (Eco, 2018). Uma das observações mais importantes que obtivemos a partir de nossa pesquisa foi a de que, pelo menos no caso das quatro características apresentadas, um dos fundamentos para que valores e ideais fascistas sejam aceitos pela população é o rebaixamento cognitivo e da capacidade crítica reflexiva dos indivíduos, o que os leva para dentro do fenômeno da massificação. Levantamos ainda a hipótese de que esse fundamento também seja integrante das outras características listadas por Umberto Eco, mas devemos continuar nossa exploração e apresentar novas análises que possam ou não comprovar isso em trabalhos futuros.

Por fim, compreendendo como uma semente da luta pela transformação e resistência contra o ressurgimento do fascismo a guerrilha semiológica proposta também por Umberto Eco (1986), propomos aquilo que chamamos de Guerrilha Simbólica, que inclui o alerta para que os indivíduos aprendam a lidar com a quantidade de informações que invadem a vida cotidiana dos usuários da internet (Han, 2022), mas que leva também em consideração o fato de que, somente o pensamento simbólico, que leva em consideração o paradoxo e as ambiguidades das mensagens e das imagens (Jung, 2011), permite ao indivíduo não se tornar massificado e, fazendo uso de suas capacidades cognitivas, relativizar e discernir para poder lutar contra aquilo que consideramos injusto do ponto de vista social e econômico, principalmente quando nos referimos a comportamentos fascistas que ressurgem na contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

AMARANTE, Erivelto. A desinformação como estratégia política: uma análise dos discursos presidenciais durante a pandemia da Covid-19. **Aurora. Revista de Arte, Mídia e Política**, 14, n. 40, p. 48-67, 2021.

ANTAGONISTA. **Deputados bolsonaristas criticam “Papa comunista”**. O Antagonista, 2024. Disponível em: <https://oantagonista.com.br/brasil/deputados-bolsonaristas-criticam-papa-comunista/>. Acesso em: 29 de jul. 2024.

BALESTRINI JR, José Luiz, 2023, Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes da PUC, São Paulo. CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO DIGITAIS DO FASCISMO DISSIMULADO À INFOCRACIA. **Anais do VIII ComCult**. 2023.

BALESTRINI JR, José Luiz; CONTRERA, Malena Segura. A destruição do espírito crítico:

uma expressão do ur-fascismo na atualidade. **Revista Mediação**, 2021.

BARRETTO FILHO, Henyo Trindade. Bolsonaro, Meio Ambiente, Povos e terras indígenas e de comunidades tradicionais: uma visada a partir da Amazônia. **Cadernos de Campo (São Paulo-1991)**, 29, n. 2, p. e178663-e178663, 2020.

BATAILLE, Georges; LOVITT, Carl R. The psychological structure of fascism. **New german critique**, n. 16, p. 64-87, 1979.

BRAGA, Renê Moraes da Costa. A indústria das fake news e o discurso de ódio. **Direitos políticos, liberdade de expressão e discurso de ódio**, 1, p. 203-220, 2018.

CALGARO, Fernanda. **Bolsonaro inflamou atos golpistas com uso de violência em diversas ocasiões durante o mandato; lembre**. G1, 2023. Disponível em:

<https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/01/11/invasao-do-stf-congresso-e-planalto-terroristas-miraram-locais-que-foram-alvo-de-ataques-de-bolsonaro-durante-o-mandato.ghtml>.

Acesso em: 29 de jul. 2024.

CANEPA, Lana; BUCCI, Eugênio. **Comunicação autoritária: elementos discursivos da tipologia do fascismo segundo Umberto Eco nas falas do presidente Jair Bolsonaro**. 2022.

CONTRERA, Malena Segura. Impactos persistentes da cultura de massas na comunicação: a crise da empatia e o rebaixamento cognitivo. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, 44, p. 35-49, 2021.

CONTRERA, Malena Segura; TORRES, Leonardo de Souza; BALESTRINI JR, José Luiz. Fake News e a irrupção do Imaginário. **ANAIS DO 30º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS**, 2021.

CORTEZ, YASMIN BARROS; DOS SANTOS, DOUGLAS FIRMINO; BIAR, LIANA DE ANDRADE. A ASCENSÃO DE UM TERMO: FASCISMO, NECROPOLÍTICA E O ATUAL CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO. **Revista Escrita**, 2020, n. 26, 2020.

DA SILVA GOMES, Wilson; DOURADO, Tatiana. Fake news, um fenômeno de comunicação política entre jornalismo, política e democracia. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, 16, n. 2, p. 33-45, 2019.

DE CAMARGO PENTEADO, Claudio Luis; GOYA, Denise Hideko; DOS SANTOS, Patrícia Dias; JARDIM, Luiza. Populismo, desinformação e Covid-19: comunicação de Jair Bolsonaro no Twitter. **Media & Jornalismo**, 22, n. 40, p. 239-260, 2022.

ECO, Umberto. **Travels in hyper reality: Essays**. Houghton Mifflin Harcourt, 1986.

ECO, Umberto. **O fascismo eterno**. Editora Record, 2018.

ESTADO, Correio do. Correio do Estado, 2019. **Luciano Hang diz que Universidades formam 'zumbis' e 'comunistas'**. Disponível em:

<https://correiadoestado.com.br/cidades/luciano-hang-diz-que-universidades-formam-zumbis-e-comunistas/363510/>. Acesso em: 29 de jul. 2024.

FILIPPI, Francesco. **Ma perché siamo ancora fascisti?: un conto rimasto aperto**. Bollati Boringhieri, 2020.

GONÇALVES, Leandro Pereira; NETO, Odilon Caldeira. **O fascismo em camisas verdes: do integralismo ao neointegralismo**. Editora FGV, 2020.

HAN, Byung-Chul. **Psychopolitics: Neoliberalism and new technologies of power**. Verso Books, 2017.

HAN, Byung-Chul. Infocracia. **La digitalización y la crisis de la democracia**. 1ª ed. en castellano. Editorial: Taurus, 2022.

HESSEL, Rossana. **Bolsonaro: 'defendemos a família e somos contra a ideologia de gênero'**. Estado de Minas, 2022. Disponível em:

https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2022/06/17/interna_politica,1374216/bolsonaro-defendemos-a-familia-e-somos-contra-a-ideologia-de-genero.shtml. Acesso em: 29/07/2024.

- JARDELINO, Fábio; CAVALCANTI, Davi Barboza; TONIOLO, Bianca Persici. A proliferação das fake news nas eleições brasileiras de 2018. **Comunicação Pública**, 15, n. 28, 2020.
- JUNG, Carl Gustav. **Aspectos do drama contemporâneo, Vol. X/2.** : Petrópolis, Vozes 1988.
- JUNG, Carl Gustav. **A natureza da psique.** Editora Vozes Limitada, 2011.
- JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo Vol. 9/1.** Editora Vozes Limitada, 2018.
- JUNG, CG. **Mysterium Coniunctionis 14/2.** Editora Vozes Limitada, 2018.
- KAMPER, Dietmar. **Trabalho como vida.** Annablume, 1998.
- KØLVRAA, Christoffer. Embodying ‘the Nordic race’: Imaginaries of Viking heritage in the online communications of the Nordic Resistance Movement. **Patterns of Prejudice**, 53, n. 3, p. 270-284, 2019.
- KØLVRAA, Christoffer; FORCHTNER, Bernhard. **Cultural imaginaries of the extreme right: An introduction.** : Taylor & Francis. 53: 227-235 p. 2019.
- LACLAU, Ernesto. Why do empty signifiers matter to politics. **Emancipation (s)**, 36, n. 46, 1996.
- LAZER, David MJ; BAUM, Matthew A; BENKLER, Yochai; BERINSKY, Adam J *et al.* The science of fake news. **Science**, 359, n. 6380, p. 1094-1096, 2018.
- MELO, Demian. Bolsonaro, fascismo e neofascismo. **Anais do Colóquio Internacional Marx e o Marxismo**, 2019.
- MISSOMELIUS, Petra. Media Education, quo vadis? **Medienimpulse**, 53, n. 2, 2015.
- MORIN, Edgar. Cultura de massas no século XX–Vol. 1, Neurose. **Rio de Janeiro: Forense Universitária**, 2007.
- MUSSOLINI, Benito. **La dottrina del fascismo.** U. Hoepli, 1936.
- PAES, Amanda; BRASIL, Vanessa; MASSARANI, Luisa. Negacionismo Científico: Uma Análise do Twitter de Jair Bolsonaro em Março e Novembro de 2020. **Razón Y Palabra**, 26, n. 114, 2022.
- PALMEIRA, Luma; CASARÕES, Guilherme. A Amazônia e o governo Bolsonaro: interesses particulares, discurso soberanista e os inimigos da nação. **FGV RIC Revista de Iniciação Científica**, 4, n. 1, 2023.
- PAOLUCCI, Claudio. Pre-Truth: Fake News, Semiological Guerrilla Warfare, and Some Other Media and Communication" Revolutions". **Media and Communication**, 11, n. 2, p. 101-108, 2023.
- PASOLINI, Pier Paolo. **Il fascismo degli antifascisti.** Garzanti, 2018.
- PEREIRA, Matheus Ribeiro. A desinformação como estratégia política: uma análise dos tweets de ataque à imprensa postados por Jair Messias Bolsonaro no ano de 2019. **Aquila**, n. 24, p. 97-110, 2021.
- PEREIRA, Wagner Pinheiro. Cinema e propaganda política no fascismo, nazismo, salazarismo e franquismo. **História: Questões & Debates**, 38, n. 1, 2003.
- PINHEIRO, Rui Pedro Gonçalves. **Populismo e totalitarismo: uma análise a partir de Hannah Arendt.** 2022.
- PRIZIBISZKI, Cristiane. **“O país que não investe em ciência está condenado a ser**

escravizado”, diz Bolsonaro. O Eco, 2022. Disponível em: <https://oeco.org.br/noticias/o-pais-que-nao-investe-em-ciencia-esta-condenado-a-ser-escravizado-diz-bolsonaro/>. Acesso em: 29/07/2024.

REICH, Wilhelm. Psicologia de massas do fascismo. 2ª Edição. : São Paulo: Editora Martins Fontes 1988.

SAID, Flávia. **Em homenagem, Bolsonaro veste cocar e cita cristianismo a indígenas.** Metrôpolis, 2022. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/politica-brasil/em-homenagem-bolsonaro-veste-cocar-e-cita-cristianismo-a-indigenas>. Acesso em: 29/07/2024.

SERVA, Leão Pinto. **A “fórmula da emoção” na fotografia de guerra: como as imagens de conflitos se relacionam com a tradição iconográfica explorada por Aby Warburg.** 2017.

SERVA, Leão Pinto. **Jornalismo e desinformação.** Editora Senac São Paulo, 2019.

STRICK, Simon. **Rechte Gefühle: Affekte und Strategien des digitalen Faschismus.** Transcript Verlag, 2021.

TENINBAUM, Gabriel H. Reductio ad Hitlerum: Trumping the judicial Nazi card. **Mich. St. L. Rev.**, p. 541, 2009.

WAINBERG, Jacques Alkalai. Populismo, emoção e a corrupção da linguagem. **Intexto**, 2020.

ZICMAN DE BARROS, Thomás. The polysemy of an empty signifier: the various uses of Ernesto Laclau’s puzzling concept. **Journal of Political Ideologies**, p. 1-19, 2023.